

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

Editor—Joaquim Domingues de Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, largo do Palacio n. 17. As assignaturas são pagas adiantadas.

NUMERO 13.

O DOMINGO.

S. LUIZ, 23 DE NOVEMBRO DE 1873.

A Imprensa paraense.

Quando nas mais provincias do Imperio a imprensa vaé despindo os andrajos que arrastava, vaé pouco a pouco mostrando que a civilisação caminha,—na provincia do Pará, uma das mais importantes já pelo seu tamanho, já pela sua riqueza, já pelos foros de civilisada que pretendem dar-lhe os seus habitantes; é onde a imprensa mais tem descido nestes ultimos tempos!

Temos com tristeza, diremos, com repugnancia, seguindo o movimento do jornalismo daquella provincia!

Nunca vimos, como ali, a imprensa tão aviltada! Os prelos gemem para soltar essa linguagem rasteira, esse esbravajar dos acougues que faz o pudor esbraazar as faces.

Será da indole do povo que provem esse mal?

Será da civilisação que ainda não tem podido vencer a ignorancia?

FOLHETIM DO DOMINGO.

A familia Guarã.

(CHRONICA DE UM BARRIO).

I
A docena.

Estamos num dia de sol ardente no mez de outubro de 1871.

São onze horas; a sra. d. Mariana, uma velha que tem visto sessenta e oito invernos, moradora na rua de... desta cidade trabalha em toda a familia na immunda varanda da sua casa neia arruinada.

A sra. d. Mariana faz doces para casamentos, baptisados, bailes, etc.

Todos trabalham com grande azáfama para apromptar uma encomenda de doces para o casamento da filha do commendador X com o filho do desambargador Y.

D. Andronica Lima, filha mais velha de Mariana, gorda matrona dos seus quarenta e tantos janeiros, cortava em bocadinhos a um cão da varanda, enormes torcidas de assucar que um mulatinha, depois de bayer lambido as mãos estalava em pedacinhos de papel; eram rebuçados que a sra. d. Andronica estava preparando.

Diremos que não; é dos que dirigem a imprensa, de llos que fazem da gloriosa invenção do século XV um mercado onde paga se o insulto que o pasquenho redige para ferir um homem ou uma familia.

É do *Telegrapho*, jornal da capital do Pará, que transcrevemos estas palavras:

«De algum tempo a esta parte o jornalismo paraense nada é mais do que os gritos descompassados das paixões individuais longo de ser a expressão da opinião sensata.

Agglomeração destes elementos tem dado de nós uma copia tristissima fóra da provincia.»

O mal provém tambem da indifferença dos homens sensatos que em vez de collocarem-se à frente do jornalismo, deixam o entregue nas mãos dos bandos interesseiros; em vez do bem publico, só discutem o egoismo e as mesquinhas vinganças.

É tempo já de compenetrarem-se os filhos da provincia irmã, de que, da imprensa, só deve dimanar a limpida corrente dos bons sentimentos e das boas idéas, que dá incremento á marcha da sociedade

Em cima d'uma mesa a sra. d. Euzebia, a segunda filha de d. Mariana, que tinha tanto de alta e negra, como d. Andronica de gorda, fazia pomboinhas de massa que ia collocando n'um prato.

Uma outra filha de d. Mariana, a sra. d. Josephina, mais moça e ainda mais alta que d. Euzebia, e tão magra como ella, dava ponto em uma porção de calda que fervia.

A velha Mariana no centro da varanda batia numa panela de beira quebrada algumas duzias de ovos que pretendia reduzir a um suberbo pão-de-ló; um enorme cão deitado ao seu lado de vez em quando estendia a cabeça para lambor a panela e que logo retirava ao ouvir a voz fanhosa da velha que gritava-lhe: fóra velludo.

Limos-nos esquecendo de descrever o typo da sra. d. Mariana; era uma velha tão alta como a sua filha mais moça e de uma cara de desmanar creanças.

D. Mariana passava por ser a chronica viva de toda a vizinhangas vizinhos a achamavam *braxxa*.

Ella sabia as horas da noite em que Fulano saia e que entrava Sierano; até que horas a filha de —A—tinha conversado com o namorado por baixo da rotula e quando a mulher de —B.—tinha saído desesperada da janella por não ver chegar o marido que passava as noites preso a uma banca de jogo, etc!

e não as turvas agoas d'onde mephticas exhalações se evaporam em prejuizo do viver popular.

MOSAICO.

No cemiterio.

(A' SOUTO.)

Mobitação.

(Página excipita depois da leitura da *Saudade dos mortos*.)

Oh! sagrada estancia da morte, onde tranquilos repousam tantos finados a dormir esse somno, que nada pôde despertar!.. immenso e venerando jazigo de paes, mães, filhos, irmãos e amigos, salve!

Nestes tristes sitios, á que tanto o horror afeia, tudo concorre poderosamente para infundir um mysterioso pavor, o que sobe de ponto n'estas tardas e silenciosas horas!

Ao transportar-se os unbraes d'esta vasta habitação dos mortos, asylo final dos humanes, o campo da imaginação como que povoa-se de mil idéas, sobresahindo as de tristeza, de saudade e de pavor, porque tudo parece significar, tudo parece dizer: Horror e morte!

Todos naquelle bairro temiam a fúria da velha e das suas trez filhas.

Como já dissemos, d. Mariana occupava-se em bater um pão-de-ló e a sua lingua não podia estar ociosa, sentindo os br ços trabalharem.

—Euzebia, dizia ella, tenho notado que d. Mariana Guarã hade perder aquella filha; pobre menina! com as hipões que recebe da tal mãe hade ser uma *excellente mulher*! Hontem vi a menina Mariquinha deixar-se abraçar na janella por aquelle rapaz de bigodes retorcidos que agora vem ali e que, Deus me perdoe, não sei si é pela mãe ou pela filha.

—Sim, uma mãe, accrescentou, d. Euzebia, a pequena já mostra o que hade ser; eu tambem já a vi receber, com o maior descaramento, um beijo daquelle politrinha que entra para lá e não nos tira o chapéo.

—Eu não sei, Euzebia, que figura representa na sociedade o tal sr. Manoel Guarã; coitado! tenho pena de o ver como vive com aquella cascavel; ainda não tinha seis mezes de casado já a tal sra. d. Maria, a quem elle tirou da miseria, tratava de fazer-lhe curvar a cabeça com o peso de...

Uma enorme pedra partindo algumas folhas da casa veio cair dentro da panela, reduzindo-a a cacos; o cão atirou-se ao conteúdo e a velha lar-

E ao terrível som de tres palavras, 2
 alma como que sente-se abalada em sua
 essencia, e ao mesmo tempo que o coração
 experimenta uma colere palpitacão.

A terrível verdade, a certeza evidente
 de nullo fim infallivel não pôde deixar de
 fazer engolhar nos em profunda medita-
 ção a a sanção d'esses entes, a quem
 na vida tanta auctoria, não pôde deixar de
 cumprimentar-nos acerbamente.

Tudo o que em outros lugares produzi-
 ria alegria, dilatando o coração e expandi-
 dindo a alma,—aqui tem um effeito dia-
 metralmente opposto!

Terrível antithese! Estes muros, estas
 abobadas, estas columnas, estas bancadas,
 que em outras partes exaltariam a phan-
 tasia, criando valentes imagens no espiri-
 to,—aqui, só trazem nos olhos o a imagi-
 nação o assombro e o pavor! A verde
 relva, a gentil florinha, as luzes, em fim,
 a que sempre acompanha a alegria, pare-
 cendo trazer em sua claridade um constan-
 te riso,—aqui, tristes e uniformes,
 como que tomam uma parte mui activa
 nos hymnos do dôr e de saudade.

Estas innumeradas cruces esparsas por
 este immenso campo, marcando o jazigo
 de cada finado; estas cruces,—emblema
 da redempção,—encerram em si uma mys-
 terio. Mafarias e innumeradas ellas obram
 poderosamente sobre o espirito e pare-
 cem, com os braços abertos, fallar em
 prol dos finados.

E quando ás trevas succede o pallido
 clarão da alampada das montes, ainda
 maiores tornam-se os segredos d'este lo-

gundo o mal-dor, ergue-se livida sem poder pro-
 nunciar uma palavra.

As tres filhas de d. Mariana soltaram um grito
 de espanto.

D. Andronica deixou cair da mão uma torcida
 de açúcar, d. Eusebia atirou ao chão o prato já
 cheio de pombinhas e d. Josephina por um triz ia
 derramando o bicho de caldo a ferver.

A velha lançou tristes olhares para os restos da
 panela e para a vermelha lingua do vellado que
 lambia os negros lijotos da varanda e caio sobre o
 banco onde estivera assentada, exclamando com
 voz dolorosa: cinco patacas perdidas!...

—Fôra a panela, sinhá velha, fora a panela que
 custou duas patacas, acrescentou a mulatinha que
 tambem lambia um dos pedaços da vasilha.

—Não se agoneie, mamãe, exclamou d. Andro-
 nica, não se agoneie; isto foi obra de algum mole-
 que que não lem que fazer na casa do senhor; não
 se agoneie por tão pouca couza!

D. Mariana ergueu-se outra vez do banco e co-
 meçou a esbravejar contra os vizinhos.

—Foi o endiabrado do filho do Manoel Guará;
 vou jurar sobre as Horas Marianas, como foi elle!
 Aquelle maldito rapaz é mandado pela boa da mão
 que já não se lembra do que foi e do que ainda é,
 e que posso levar a policia para assignar um

gar. Derramado por entre os ramos do
 esguio cypriste e por sobre os braços das
 cruces, delinea-lhes a configuração sobre
 a terra ou sobre as louças, á tudo dando
 um aspecto cada vez mais feral e myste-
 rioso!

Mas, porque ha de o homem procurar
 esta desolada e pavorosa estancia, onde
 vagam as sombras? Porque ha de bus-
 car tão tristes lugares, interrompido-se por
 estas ruas de catumbas, assim collo-
 cando-se vivo entre os mortos? Porque,
 tantas vezes abandonado o laricio das
 cidades, despresando as festas e alegrias
 dos que vivem, vem, tão cheio de affecto,
 visitar esta necrópoli?

E porque aqui o chama um d'entre os
 mais puros affectos — a saudade dos mor-
 tos.

Movido por tal sentimento, vê-se pran-
 tear um pae á borda de uma campã; vê-
 se uma extremosa mãe orvalhoar com suas
 quentes lagrymas a lousa, que occulta o
 filho dilecto de suas entranhas; um orphão
 semo implorar socorro pela irreparavel
 perda de seus progenitores, em fim, um
 amigo vertter uma lagrima sincera e soffo-
 car um gemido junto ao sepulchro de um
 amigo!

E feliz é o homem, que pôde compre-
 hender e crer na immortalidade da alma!

O que seria d'elle, se não houvesse essa
 vida de além-túmulo?! O homem, que,
 hoje, com a fronte altiva e olhar senho-
 ril, sentindo girar-lhe acolado o sangue
 nas veias; — amantib, ao gelido sopro de
 um archango que faz soar-lhe ao ouvido

lermo, de bem viver, que não sea o primeiro, que
 esta maldita gente assigna com os seus vizinhos.

Corra! porque moram n'um feio sobrado entendem
 que devem apedrejara casa de uma pobre senhora.
 Ah! Maria Guará! tu, que eu conheci correndo,
 em pequena, as praças desta cidade e que, por leres
 casado com um taverneiro julgas ser uma baroneza,
 não me faças contar-te a vida em publico de
 uma das minhas janellas e...

Nova pedrada relinco nas telhas da casa:

A velha empallideceu de raiva; correu para a
 sala gritando como uma louca: vou ensinal-os;
 vou contar ao publico a vida d aquella miseravel
 que manda seu filho quehrar-me as telhas.

D. Eusebia, d. Josephina e d. Andronica quize-
 ram agarral-a, mas já d. Mariana estava na janella,
 biographando a familia Guará, que morava num
 sobrado de janellas quadradas e portas arqueadas,
 defronte quasi da familia Lima.

Foi em vão que as filhas tentaram arranca-la
 da janella, a velha panha em publico as miserias
 dos Guarás.

D. Maria Guará e sua familia respondiam tam-
 bem aos insultos da sua vizinha; era um duello
 de palavras que já tocavam a immortalidade, onde
 as miserias domesticas sobresaíam.

A vizinhança fechou as janellas fugindo de ou-

a voz da eternidade, vê-se misero em lu-
 cta com as vascas da morte!... Tremenda
 é a lucta! Inexoravel e horrorosa apre-
 senta-se-lhe a morte com as liantes fan-
 ces em busca da presa. No meio do mil
 dolorosas convulsões, embaçam-se-lhe os
 olhos, fica-lhe a voz pegada na garganta,
 A apparição do mortal stertor, seguem-
 se as mais extremas contrações: estorce-
 se convulsivamente, revira os olhos, e,
 arrancando, á final, um profundo e últi-
 mo suspiro, eil-o pallido e exanime, incli-
 nando a fronte sobre o peito, — é um ca-
 daver!

Dentro em pouco, seus membros to-
 nam a rigidez cadaverica, e seus intesti-
 nos começam á corromper-se. Já ninguém
 se lhe pôde appoiximar, porque o máo
 cheiro cedo manifesta-se. Para, com di-
 ficuldade, poder-se supportar tão pestilente
 exhalacão, são necessarios os mais
 fortes e recendentes extractos. Nojentos
 insectos começam a adejar em torno e so-
 bre um tal acervo de podridão!

Miserando e sem vida, volta a terra,
 onde seu corpo vai ser immediatamente
 o pasto do asqueroso verme do sepul-
 chro!

Em breve, só um cypriste, uma lousa
 ou uma cruz, collocada por piedosa mão,
 poderá dizer ao camutubante, onde des-
 cançam os seus restos, que mais tarde
 serão a mesma argilla, que outr'ora fo-
 ram, e finalmente — nada!

E vós, oh! grandes da terra, á quem
 o orgulho e a vaidade tanto affluem;
 vós, á quem as humanas honras, essas

vir os epithetos que se trocavam e mesmo para
 no caso d irem as partes a policia, não ser chama-
 da como estamunha.

Os cursaos enchiã a rua; os moleques davam
 gritos o ssovios.

O velh Manoel Guará, chefe da familia, não es-
 lava em casa; o filho, rapozola de 16 para 17 an-
 nos, conhecido no bairro, pelas suas artes, por Mau-
 duca Carito, insignido pela mãe mostrava um
 enorme picote á velha e soltava palavras obscenas.

As filhas de D. Mariana não se puderam con-
 ter; dem tambem de lingua.

As duas horas da tarde, a pedido de alguns vi-
 zinhos, utervio o inspector de quarteiroiro que a
 muito isto pôde serisar os animos das familias
 Lima Guará.

A cha não se enganara; as patacas tinham sido
 atiradas por um membro da familia Guará, odiada
 em t o o bairro.

Maduca Cabrito, como o chamavam os visi-
 nhos divertia-se algumas vezes em atirar pedras
 aos lhados das casas que lhe ficavam fronteiras.
 N'ossa segunda parte lavaremos conheci-
 me'o com a familia Guará, assumpto principal
 de' chronica.

Julia Coriolani.

louçainhas, esses ouropéis tanto deslumbram, e pelos quaes torceis a justiça, opprimindo sem o menor péjo a innocencia e libertando o crime, exalçando o vicio e conculcando a virtude; vós, oh! potentados da terra, nos excessos de vossa cabeça, nos extremos de vosso egoismo e do vosso orgulho, vindo à esta desolada habitação, onde a realidade vos desvendará os olhos, e então estremocereis, vendo que vossas regalias, as vossas immercedas honras saem nada ante a descarnada mão da morte, que indistinctamente faz voltar à terra o rico como o pobre, o grande como o pequeno, esmagando promiscua e simultaneamente de encontro a lousa do sepulchro as hierarchias todas!

Do que servem esses sumptuosos monumentos, essas maravilhas da arte, destinadas à conter os restos das grandes e dos poderosos?

Quando Artemisia, segundo dizem antigos historiadores, (*) depois da morte de seu marido Mausolus, rei de Caria, mandou construir um soberbo monumento de forma oblonga, cercado por trinta e seis columnas, aformoseando-o uma immensa profusão de escultura, contando, segundo Plínio, cento e onze pés de circunferencia e cento e quarenta de altura, onde Praxiteles e outros sculptores empregaram seus talentos: cujo monumento foi por sua magnificencia contado entre as maravilhas do mundo; quando essa rainha da Asia Menor assim ostentava sua riqueza de envolta com a humana vaidade, dava ou deu por ventura maior valor aos restos de seu esposo do que si lites tivesse destinado um humilde jazigo à sombra de um cypreste, marcado por singela cruz?

Desde que a materia é abandonada pelo sopro divino, que lhe dava vida e animação, tudo é inútil, tudo é vão, tudo é nada, porque de encontro à lousa do sepulchro saem esmagadas promiscua e simultaneamente as hierarchias todas!

Maranhão, novembro de 1873.

S.

Côrte.

Lembrei-me, sr. redactor do *Domingo*, de que não haviam de ser mal recebidas pelos leitores do seu estimavel periodico algumas noticias desta immensa S. Sebastião, que se renovarão quinzenalmente à sahida dos paquetes que se encarregam de transportar estas immensas seiscentas leguas que nos separam.

Não tratarei de politica, porque sei que o seu *Domingo* é imparcial e não lhe met-

te nunca o bedelho, censurando o que merece censura e louvando o que merece louvor, pelo que nunca hade perder, convença-se.

Todavia cumpre dizer-lhe que ha muito tempo rosna por aqui o funebre boato da proxima queda do gabinete—Rio Branco, ao que dou tanto ouvidos como um espiçoso folhetemista da *Reforma*, que affirmou estar o ministerio *à prova de crise*.

O ministro do imperio foi tomar banhos em Baependy, e houve quem dissesse estar já tão habituado ao poder, que escreveu automaticamente, no hotel em que se acha, por baixo de um rol de roupa suja—*Sellado, volte*—julgando ter às mãos uma petição. Não affirmo a veracidade do facto; mas, como a continuação do caximbo faz a boca torta...

—Agita-se actualmente na imprensa diaria uma questão *momentosa*: Não ha quem não tenha lido nessa boa terra, nas columnas do *Paiz* a transcripção de um folheto firmado por D. ... (aprompte-se para ler um nome, cuja leitura é de tirar corro e cabelo) D. Maria Henriqueta de Mello Lemos Alvellos e Silva, proprietaria do *Hotel du Louvre*, no Porto, onde se hospedara o nosso imperador, e no qual reclamava a imperial *Amphitryon* o pagamento de 4:500\$000 rs. (*fortes*), de que se julgava credora, pela hospedagem do mesmo augusto seaher, da imperatriz e *et reliqua*.

Muito bem. Desattendida nas suas reclamações, *vendo-se na miseria* (sic), emprehede a hoteleira uma viagem ao Brazil para vir apresentar um memorial a cada uma de SS. MM., que lhe mandaram dizer—que nada tinham com isso. Vae a mulher ao *Jornal do Commercio*, que é onde (*dizem*) se faz o *comercio do jornal* e *passa uma desandadeira* (em termos) nos seus imperiaes deveres, apellando ao mesmo tempo para o *patriotismo* dos brazileiros, entre os quaes ia abrir uma subscripção para pagar as dividas que contrahiu por amor da imperial hospedagem e para acudir às despesas de sua vinda e regresso.

O *Diario do Rio* e a *Republica* vieram à aroná, estranhando que o *Jornal do Commercio* admittisse semelhante artigo, facto primeiro, diz a *Nação*, em sua existencia.

O que se tem passado de então entre os campeões, nelles verá V. S. e os seus leitores.

—O governo imperial approvou o procedimento do illustrado chefe de policia dessa provincia, na prisão, processo, etc. Pontes Yagueiro.

—Vae de novo fazer as delicias dos *habitués* do *Aleazar* Mlle. Arnal, que vem de estar doente, que a belliosa une a arte, e de quem pode muito bem dizer o abaxo assignado o mesmo que Voltaire disse de Mlle. Monvel:

Qui j'ai goûté le plaisir de l'entendre!
Qui j'ai senti le bonheur de la voir!

— Por não ter noticia de maior transcendencia sempre lhe quero dizer que

acha-se exposto, aqui, à rua do Ouvidor, um boi com seis pernas.

Um boi com seis pernas! Ha de convir, sr. redactor, na raridade do phenomeno! Homens de quatro tenho visto bastantes, e mesmo de tres, por isso que me consta que ali ha um certo Manoel tres pernas, mas boi de seis! Passa fóra.

A principio o curioso que pretendesse admirar semelhante animal, tinha de pagar dez tostões; depois, escasseada a concorrência, desceu o preço da entrada à cinco; agora está a dois por identico motivo; quando estiver de graça lá irei para contar-lhe as impressões que me produzem semelhante animal com sua meia duzia de pernas (delle).

Safa! parece-se mais uma topeia que um boi!

Menos admiração causou-me uma menina gorda que por cá andou, á vista da gordura da qual envergonhar-se-lia qualquer um dos *Maias* dessa terra, pois são todos muito gordos á excepção do Sr. padre *Mia*, e recuaria horrorizado o *Bêco Martins*!

A *barriga* das pernas da tal menina tinha a circunferencia da minha *barriga*... da barriga!!... .

Abre nuntio!

1.º de novembro.

Eloy, o heróe.

ALBUM.

Never more.

Meu coração voou para teus labios
N'um sorriso que nelles divisei:
A seu lugar outra vez elle voltando,
Minh'antega alegria não achei.

Porque foi, ó mulher? tu não me dizes?
Porque foi a mudança tão cruel?
Eu sonhava com nectar e ambrosia
E o calix que bebi só tinha fel.

Não o dizes? Assim deve ser mesmo!
Não merece a desgraça explicação...
Quem mandou illudir-se? soffre agora—
Soffre calado, pobre coração.

Mas ah! esses teus olhos fascinantes
Oh, nunca mais os fites sobre mim!
Distante d'elles talvez possa um dia
Men triste soffrimento ter um fim.

Não me olhes! Teus olhos tem veneno!
O ardor de suas chammis é fatal!
Luteo foi eu, imaginando nelles
Ver algum tempo a luz celestial.
1870

Sem ti!

(IMITAÇÃO)

A'eee

Que horas tão tristes, tão cheias de angustias
Qu'en passo sem ti!
No mundo não tenho prazeres, venturas,
Lá tudo perdi!

(*) Disraeli's. Origin of the word-mausoleum.

De noite, se darão, um sonho fagueiro
Me vem embalar.
Desperto, e de balde teu rosto formoso
Procuro encontrar.

De dia pensando, sosinho lamento
Meu triste soffrer.
Saudades recorro dos tempos de outr'ora;
Que doce viver!

Que horas, ingrata, que duros momentos
De tanto amargar!
Meu p'ito mirrado, já quasi sem forças,
Suspirá de amor.
Junho—73.

M. A.

Tou nome.

Ligeiro zephyro
vem deslizado
pelas campinas,
e ao seu influxo
no bastil oscillam
lindas boninas.

C. e o rocío...
D'ellas offegam
os niveos seios;
abrindo as pétalas
—soltam perfumes,
de amor enleios—

Ah! se eu pudesse,
qual doce zephyro,
junto ao teu leito,
dizer-te o quanto
por ti, madona,
soffre meu peito.

Meu pensamento,
de densa nevoa
transpando o véo,
ebrio de am-res,
teu nome, Emilia,
levava ao céo.

S. Luiz—1873.

Miguel Marques.

ECHOS URBANOS.

A companhia equestre do Sr. Antomo Carlos do Carmo tem agradado aos amadores deste genero de trabalho.

O pedido que fez o Sr. Carmo pela imprensa foi attendido; hoje já as familias podem ir ao circo.

O nosso povo dava má copia de si, entendendo que naquelle logar era permitido as vaías e até o insulto.

Agora tambem pedimos ao Sr. Carmo que não consinta que o seu palhaço solte algumas graças que fazem as familias corarem.

Consta-nos que se a directoria da sociedade *Onze de Agosto* ainda não chamou a responsabilidade este jornal, por publicar os dialogos entre o *papagaio* e o *macaco*, é porque reina a divergencia entre ella.

Fulano diz que não assigna a petição por não ter sido ouvido em cousa alguma e não ter senhor que o mande. Sicrano por achar que desce da sua dignidade, assignando o seu nome por baixo do de Beltrano e Beltrano porque a tal questão de responsabilidade traz despezas e estas devem ser divididas pela directoria, cabendo-lhe a sua parte.

Beltrano é quem obra com mais juizo! Em que ficará isto, como responderá a benemerita directoria ao governo da provincia?

Acaba de apromptar-se nas officinas da Empreza Porto um carro destinado a enterramento de anjos.

É elegante, assaeado e proprio para tal mister.

Hoje ha festa de S. João Baptista em Vinhaes. Aquella villa é hoje muito visitada.

Noticiando o *Diario do Maranhão* o espantamento de uma preta por um *conego*, trocou, talvez de proposito, o nome deste.

O *conego*, que diz o *Diario*, chamar-se João Luiz da Silva, é o Sr. João Luiz Martins, ex-capellão da Santa Casa da Misericordia!

Este *Diario* tem cousas! só parece que uma fumaça de forja não o deixa vêr bem!

O papagaio e o macaco.

—Bôa tarde compadre Simeão, ha dias que não o vejo.

—Ora deixe-me, meu amigo; ando aborrecido e desgostoso da vida e o compadre para isso não tem concorrido pouco.

—Eu?! como? perguntou o papagaio.

—As suas leviandades e tagarelices chamaram sobre mim a odiosidade dos grandes da terra. Mal escapo das garras da policia, por causa daquella visão, metti-me logo n'outra.

—O que foi que lhe succedeu?

—Desde que sinhôsinho mandou-me fazer a calça e a jaqueta não tive uma hora de socego. Antes de hontem á noite achei meios de mandar a mão no fato e fui dar um passeio pelas ruas da nossa cidade.

A' porta de um palacete, diversos sujeitos conversavam acerca das novas escolas, sua architectura e posição, de baronatos, commendas esperadas e já demoradas, etc., etc.; e eu, dando soltas ao meu genio bisbilhoteiro, fui-me chegando ao grupo e perguntei: Serão os actuaes professores que vão leccionar nesses bellos predios? Per Bezbo! que a letra não diz com a musica! Não são as bonitas casas que vão ensinar creanças, mas sim os bons professores. Por estes é que se deve principiar a reforma, si é que se quer reformar e melhorar o ensino popular. Uma casa se faz em quatro mezes, porém um professor?... O estrangeiro...

Agora esse macaco, gritou um velho gordo, que se me não engano já vi passar por aqui. Agarra esse tratante! E no mesmo instante uma mão grossa e pesada filou-me pelo rabo; era Mathias, o campestre que já foi ordenança de sinhô môço.

Em caminho do quartel, vim a saber que estava recrutado; chorei, pulei, guinchei e por fim consegui escapar e aqui estou, resolvido a não importar-me mais com o que vae pelo mundo.

Bem, compadre! mais esta aventura em sua vida tem você para contar.

—Ja sendo bem triste!

—Ah! suspirou o papagaio, mais triste foi a minha, quasi matam-me, depennaram-me, quebraram-me a aza esquerda e quizeram cortar-me a lingua.

Somos espiados por todos de casa; só posso fallar com o capadre a estas horas que a malbaita gente está jantando e porque?

—Porque, meu claro amigo, a verdade na bocca dos *pequenos* é crime...

—E, na dos *grandes*, mero contrabando, accrescentou o papagaio, arrastando a aza esquerda na gaiola.

—Contrabando ou não, tornou o macaco, elles não vão a policia, e nem são recrutados; estão autorizados para tudo, mandão e desmandão e ninguém toma-lhes contas. Lembra-se, o amigo, do que fez na assemblea provincial aquelle doutor com ares de jabota, que veio do *Rio de Janeiro* onde era lente não sei de que materia e que pelo decreto n. 4952 de 4 de maio de 1872 obteve privilegio exclusivo para o uso de latrinas de sua invenção?...

Com suas graçolas e pareceres chullos improprios do logar em que eram lidos —mas digno de quem os ouvia ler e approva, teve a triste gloria de rebaixar a assemblea provincial da sua terra natal á condição de circo.

Felizmente tirou para si o barrete *Bonte-agudo* e o saio de guisos de arlequin que lhe deu a nossa opinião e a de muitos biblos que pensam seriamente no futuro do país.

A illustre corporação, inspirada pelo seu palhaço, produziu uma lei de orçamento monumental e burlesca! O party denunciou o ventre! Ao menos immortalizou-se pelo ridiculo; mas o que lhe succedeu?... nada. De mim, pobre papagaio, si precisassem para fazer numero, como deputado, e eu fizesse o que fez o tal doutor, não ficava com uma só penna no corpo; faziam-me peor do que fez o meu sethor por causa das *portas*, origem das nossas desventuras. Assim mesmo, embora persigam-me, em vendo que os homens erram, vendo... trapça hei de gritar... alguém me fará justiça.

—Sim, compadre, ao menos o velho matuto do *Paiz* fará...

Adeus, acabaram de jantar os nossos inimigos, até domingo.

Scarron.

EXPEDIENTE.

Recebemos o 1.º numero do *Telegrapho*, jornal que se publica na capital do Pará.

Pela limpeza dos seus artigos mostra não pertencer a parte desviada do jornalismo daquella provincia.

«Entre o joio tambem colhe-se o trigo» A sua illustrada redacção agradecemos a lembrança que teve de nós e em troca lhe mandamos o nosso *Domingo*.

Maranhão—Typ. do Paiz, imp. M. F. V. Pire.